
Uma anomalia na língua trovadoresca galego-portuguesa: sobre os casos de conservação de -L- intervocálico*

Manuel Ferreiro
Universidade da Corunha

Spring 2013

* Este trabalho inscreve-se no projecto de pesquisa *Glossário crítico da poesia medieval galego-portuguesa* (FFI2009-08917 e FFI2012-32801), subsidiado pelo “Ministerio de Ciencia y Tecnología” e o “Ministerio de Economía y Competitividad”, através da “Subdirección General de Proyectos de Investigación”.

Talvez a desapareição de -L- e -N- intervocálicos latinos seja a evolução fonética mais singular produzida no território linguístico galego-português dentro do conjunto românico. Face ao que acontece com a queda de -N- intervocálico, que nasaliza a vogal anterior, com um processo de posterior desnasalamento parcial com eventual aparição de consoantes nasais implosivas (Williams 1975: 81-84; Ferreiro 1999: 130-144), a desapareição de -L- intervocálica produz-se sem deixar absolutamente nenhum rasto, excepto a proliferação de hiatos que a perda de consoantes intervocálicas produziu na língua medieval.

A queda, pois, de -L- foi um fenómeno universal na evolução do galego-português, à excepção daqueles contextos em que tal consoante deixou de ser intervocálica pela desapareição anterior de uma vogal em posição fraca ou, como é lógico e geral, em vocábulos de origem erudita que constituem formas cultas introduzidas mais tardiamente (Williams 1975: 80; Ferreiro 1999: 124-128).

Os textos galego-portugueses, com as habituais vacilações gráficas iniciais, reflectem já desde o seu início esta evolução universal produzida desde o latim. Contudo, no mais elaborado produto literário galego-português, isto é, as cantigas trovadorescas, podem-se produzir certas anomalias que vale a pena estudar. Neste contributo limitaremos o nosso estudo à poesia profana galego-portuguesa, ainda que façamos incursões contrastivas na poesia religiosa representada pelas *Cantigas de Santa Maria*¹.

Da revisão exhaustiva dos textos trovadorescos galego-portugueses² deduz-se que o tratamento de -L- intervocálico latino apresenta três casos que merecem a nossa consideração³: a alternância de *coor* e *color* como descendentes do lat. COLŌREM; duas formas anómalas com -l- em formas procedentes do verbo latino SALĪRE; e, em especial,

¹ Para este estudo partimos do corpus total das cantigas profanas, sem considerarmos alguns textos tardios incrustados neste corpus poético, assim como a lauda mariana de Afonso X (cantiga nº 463 [B468]). Para as referências às cantigas do corpus profano, utilizamos o sistema de Jean Marie D'Heur com as correcções incorporadas por Montero Santalla (2000: 55-101). Os nomes dos trovadores aparecerão abreviados conforme Tavani (1967). Os critérios de edição utilizados nos textos reproduzidos são os propostos em Ferreiro / Martínez Pereiro / Tato Fontañña (2007).

² Para, no possível, evitar lições erradas (vid. *infra*), absolutamente todos os textos citados, e também o corpus completo, foram revistos e confrontados com os manuscritos, através das edições facsimilares em que se localizam os textos citados: A = *Cancioneiro da Ajuda*; B = *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*; V = *Cancioneiro Português da Biblioteca*; N = *Pergaminho Vindel*, em Ferreira (1986). Para as *Cantigas de Santa Maria*, seguimos a edição de W. Mettmann (1986-1989).

³ Excluímos provisoriamente o elemento *mala* (do lat. MALAM > med. maa), feminino de *mao* (<MALUM), de *malaventura* ou *mala ventura* (1101 PAmigo [B1099/V690], v. 4; 1436 RoiPaezRib [V1026], v. 1; 1524 VaPrzPard [B1505], v. 1; 1602 DiePez [B1592/V1124], v. 9) que convive com *maa ventura* (1459 RoiPaezRib [B1440/V1050], v. 4), na convicção, a falta de mais dados, de que pode ser uma forma semelhante à que apresenta a forma masculina, que alterna entre a evolução normal, com queda de -L- e a forma apocopada em posição proclítica (cf. as numerosas ocorrências de *mao pecado* vs. *mal pecado*).

o anómalo uso das formas do artigo ou pronome *lo(s)/la(s)* (<ĪLLUM / ĪLLOS, ĪLLAM / ĪLLAS) em contextos em que não é possível a assimilação da consoante lateral à consoante final da palavra anterior (-r, -s) e, portanto, com presença irregular de -l-.

1. *coor* vs. *color* (<COLŌREM)

No corpus poético profano galego-português encontramos uma evidente coexistência de *coor* e *color*, com manutenção, na forma *color*, da consoante intervocálica latina. À luz dos testemunhos da poesia, existia uma convivência entre as duas formas; a primeira, esperável conforme o padrão evolutivo galego-português, atesta-se em quatro composições:

474 Alf X [B476], v. 22:

*Non quer'eu donzela fea,
velha de ma[a] coor,
que ant'a mia porta pea
nen faça i [o] peor.*

1391 PGarBu [B1373/V981], v. 11:

*E, se esto fezerdes, averedes,
assi mi valha a mí Nostro Senhor,
bon parecer e bon talh', e seredes
fermosa muit'e de bõa coor*

1633 MarAnMar [B1621/V1154], v. 15:

*Viste-lo potro coor de mentira,
que mi antano prometeu en janeiro,
que nunca ome melhor aqui vira?*

1639 PPon [B1627/V1161], v. 20

*Mais que fara o pecador,
que viu vós e vossa coor
e vos non ouv'a seu sabor?*

Existe um número similar de composições com a forma *color*, ainda que a quantidade total de ocorrências seja maior pela recorrência do termo na cantiga de Joan de Gaia:

489 Alf X [B491/V74 e 74^a], vv. 12, 24:

*Vi coteifes orpelados
estar mui mal espantados,
e genetes trosquiados
corrian-nos arredor:
tiinhan-nos mal aficados
[e] perdian-na color.*

.....

Vi eu de coteifes azes
 con infanções [s]iguazes
 mui peores ca rapazes,
 e ouveron tal pavor
 que os seus panos d'arraizes
 tornaron d'outra **color**.

541 Den [B524^b/V127], v. 14:

Ca os que troban e que s'alegrar
 van eno tempo que ten a **color**
 a frol consig'e, tanto que se for
 aquel tempo, log'en trobar razon
 non an, non viven [en] qual perdiçon
 oj'eu vivo, que pois m'á de matar.

592 Den [B574/V178], v. 9:

El andava trist'e mui sen sabor,
 come quen é tan coitado d'amor,
 e perdudo o sén e a **color**

628 PLar [B612/V214], v. 10:

E s[e] eu vosco na casa sevesse
 e visse vós e a vos[s]a **color**

1471 JGai [B1452/V1062], vv. 2, 5, 8, 11, 14, 17:

Eu convidei un prelado a jantar, se ben me venha.
 Diz el én est': –E meus narizes de **color** de berengenha?
Vós avede-los alhos verdes e matar-m'-iades con eles!

–O jantar ést'aguisado, e, por Deus, amigo, trei-nos.
 Diz el én est': –E meus narizes **color** de figos çofeiros?
Vós avedes os alhos verdes e matar-m'-iades con eles!

–Comede mig', e diran-nos cantares de Martin Moxa.
 Diz el én est': –E meus narizes **color** d'escarlata roxa?
Vós avedes os alhos verdes e matar-m'-iades con eles!

–Comede mig', e dar-vos-ei ùa gorda garça parda.
 Diz el én est': –E meus narizes **color** de rosa bastarda?
Vós avedes os alhos verdes e matar-m'-iades con eles!

–Comede mig', e dar-vos-ei temporão figo maduro.
 Diz el én est': –E meus narizes **color** de morec'escuro?
Vós avedes os alhos verdes e matar-m'-iades con eles!

–Treides mig', e comeredes muitas boas assaduras.
 Diz el én est': –E meus narizes **color** de moras maduras?
Vós avedes os alhos verdes e matar-m'-iades con eles!

A estas atestações, ainda se pode acrescentar outra, localizada numa cantiga com atribuição duvidosa (Caldeiron ou Pero Viviae) e com importantes problemas textuais⁴:

1631 PViviae / Caldeiron [B1619/V1152], v. 18:
 a testa ten [en]rugada
 e os olhos encovados,
 dentes pintos come dados,
 e á **color** de passada.

A situação nas *Cantigas de Santa Maria* é diferente, porque nesta obra é praticamente universal a forma patrimonial, já que só se atesta uma única vez a forma *color*; esta variante regista-se no v. 13 da cantiga 384, uma composição em que se multiplica o uso de *coor* (vv. 2, 15, 17, 20, 21):

Este mui bon clerigo era | e mui de grado liia
 nas vidas dos Santos Padres | e ar mui ben escrivia;
 may[s] u quer que el achava | nome de Santa Maria,
 fazia-o mui fremoso | escrito con tres **colores**.

Nos derivados reflecte-se a mesma alternância de *coor* ~ *color*, pois convive *colorada* (1612 PArm [B1602/V1134], v. 18) com *coorado*, *descoorado* e *escoorado* nas *Cantigas de Santa Maria* (vid. Mettmann, 1972, s.v.).

Os dados são, pois, significativos: face a vozes com a mesma estrutura (cf., por exemplo, DOLÖREM > med. door > mod. dor), neste vocábulo coexistiram os dois resultados: as ocorrências fornecidas pelas bases de dados da prosa medieval mostram como, na fase antiga da língua, *color* (e variantes) predomina no Norte do território galego-português, enquanto *coor* (e derivados) é maioritário no Sul⁵, ainda que modernamente somente tenha sobrevivido em galego e em português a forma evoluída regularmente face à forma latinizante, que nalguma ocasião foi interpretada como castelhanismo (Rodriguez 1983: 10).

2. *saído* vs. *salido* (<SALĪRE)

O uso de *sair*, em todas as suas formas, com a excepção que depois veremos, é constante na poesia profana galego-portuguesa. Inf.: *sair* (323 FeFdzCog [B363], v. 11;

⁴ Lapa (1970: 595) edita este verso (<τ a calor de passada> B, <τ acaboi de pafsada> V) como *e acabei, de passada*. A leitura proposta procede de Vatteroni (1988: 163 e 166).

⁵ No TMILG só achamos uma forma *coores* na *Crónica Troaiana*, face o geral *color* ~ *collor* e *descolorar*; no entanto, na prosa tardia escrita em Portugal só esporadicamente se registam as forma *color* ~ *collor*, *colorar* e *coloramento* face ao regular *coor* (vid. CP e CIPM).

521 Den [B523/V106], v. 14; 686 JPrzAv [B670/V273], v. 9; 717 FerFdzCog [B702/V303], r2; 879 MartMo&Lour [B888/V472 e 1036], v. 12; 970 AfEaCot [B968/V555], v. 4; 1084 PArm [B1081/V673], v. 15; 1120 PBard [B1118/V709], v. 13; 1237 JBav&PAmigo [B1221/V826], v. 43; 1242 JBav [B1226/V831], v. 6; 1387 MartSrZ [B1369/V977], vv. 3, 20; 1424 JSrZCoe [V1014], v. 19; 1486 JAi [B1467/V1077], r; 1516 JGarGuilh [B1497/V1107], v. 11; 1582 PGarAm [B1572], v. 4; 1587 PGarAm [B1577], v. 17; 1606 PGarAm [B1596], v. 7; 1658 PPon [B1646/V1180], v. 10; 1673 PAmigo [B1661/V1195], v. 9; 1675 PAmigo [B1663/V1197], v. 26). Ind. Co-pret.: P3: *saía* (969 JAi [B967/V554], vv. 6, 9); P6: *saían* (1484 JAi [B1465/V1075], v. 9). Ind. Pret.: P1: *sai* (119 PaiSrZTav [A33/B148], v. 5; 166 NuFdzTor [A77/B180^a], v. 28; 932 RoiFdz [B929/V517], v. 17; 1649 PPon [B1637/V1171], v. 1); P3: *saiu* (1158 JServ [B1144^a/V747], v. 9; 1399 PGarBu [B1381/V989], v. 12; 1404 RoiQuei [B1385/V994], v. 16; 1573 FerSrZQuinh [B1554], v. 2; 1641 PPon [B1629/V1163], v. 3) e *saió* (186 PGarBu [B200], v. 14; 724 GoEaVinh [B709/V310], v. 12); P5: *saistes* (461 Alf X [B466], v. 26); P6: *sairon* (489 Alf X [B491/V74-74^a], v. 29; 1404 RoiQuei [B1385/V994], v. 17; 1676 PAmigo [B1664/V1198], v. 3. Ind. Futuro (cf. depois *salra*): P1: *sairei* (18 MonFdzMir [B44], v. 27; 499 Den [B501/V84], v. 19); P3: *sairá* (1463 PGmzBarr [B1443/V1054], v. 25). Subj. Pres.: P3: *saia* (697 JSrZCoe [B682/V284], r; 1387 MartSrZ [B1369/V977], v. 21; 1454 RoiPaezRib [B1435/V1045], v. 2; 1489 AfLpzBai [B1470/V1080], v. 23; 1606 PGarAm [B1596], v. 19). Subj. Pret.: P3: *saiss(e)* (665 PGarBu [B650/V251], v. 9); P6: *saissen* (1561 Den [B1542], v. 10). Imp. Pres.: P5: *said(e)* (1502 AiPrzVuit [B1482/V1093], v. 21. Part.: *saido* (cf. depois *salido*) 583 Den [B566/V169], vv. 2, 7; 585 Den [B568/V171], v. 20; 770 JGarGuilh [B753/V356], v. 16; 1521 JGarGuilh [B1502], r2-3).

A P3 de Pres. do Indicativo apresenta normalmente a forma *sal* por desaparecimento de -E final latino (<SALIT): 485 Alf X [B487/V70], v. 9; 495 Den [B497/V80], v. 23; 743 RoEaVasc [B728/V329], v. 3; 794 NuPrzSand [B799/V383], v. 9; 897 MartMo [A305], v. 17; 915 RoiFdz [B913/V500], v. 7; 1260 MartPadr [B1244/V849], v. 3; 1330 EstGuar [B1313/V918], v. 7; 1348 JSrZPav [B1330^{bis}/V937], vv. 17, 23; 1408 JLab [B1389/V998], v. 19; 1479 JBav [B1460/V1070], v. 15; 1496 AiPrzVuit [B1476/V1087], v. 16; 1539 GilPrzCo [B1520], v. 1; 1577 AfMdzBest [B1558], v. 13; 1617 Vidal [B1606/V1139], v. 32. O mesmo acontece com as formas habituais de futuro de indicativo, onde desapareceu inicialmente a vogal intertónica (<*SALĪRE+AT >

med. salra), antes da refacção moderna em *sairá*: 11 OsoAn [B38], v. 20; 384 AfSchz [B416/V27/P/M], v. 12; 803 FerFroi [B807/V391], v. 13; 931 RoiFdz [B928/V516], v. 21; 1632 PViv [B1620/V1153], v. 27.

Fica, portanto, o problema da aparição do participio *salido* em duas cantigas de amigo de dois autores tão representativos como Joan Zorro e Martin Codax:

1170 JZor [B1158/V760], v. 1

Pela ribeira do rio **salido**
trebelhei, madre, con meu amigo:

amor ei migo
(*que non ouvesse!*).
Fiz por amig'o
que non fezesse!

Pela ribeira do rio levado
trebelhei, madre, con meu amado:

amor ei [migo
(*que non ouvesse!*).
Fiz por amig'o
que non fezesse!]

1297 MartCo [B1280/V886/N3], vv. 2, 10:

Mia irmana fremosa, treides comigo
a la igreja de Vigo, u é o mar **salido**,
e miraremos-las ondas.

Mia irmana fremosa, treides de grado
a la igreja de Vigo, u é o mar levado,
e miraremos-las ondas.

A la igreja de Vigo, u é o mar levado,
e verra i mia madr'e o meu amado
e miraremos-las ondas.

A la igreja de Vigo, u é o mar **salido**,
e verra i mia madr'e o meu amigo
e miraremos-las ondas.

Poderia pensar-se na possibilidade de interpretar que nestes casos *salido* poderia derivar de SALLĪTUM ‘salgado’, do verbo SALLĪRE, com coerência semântica no contexto das duas cantigas; no entanto, o paralelismo das cantigas reforça a consideração de *salido* como sinónimo de *levado*, tal como foi interpretado pelo autor das edições críticas de Joan Zorro e Martin Codax. Com efeito, Celso Ferreira da Cunha considera estas formas indubitavelmente derivadas de SALĪRE, pois atribui-lhes o significado de “Saído fora de seu leito; o mesmo que *levado* [...]”. Êste arcaísmo aparece também alternando com

levado, numa cantiga de Martin Codax, mas, aí, aplica-se ao mar embravecido, ou saído de seu natural pela elevação da maré” (Cunha 1999: 282). Na edição de Martin Codax, o grande estudioso brasileiro insiste no mesmo significado: “Saído de seu natural pela elevação da maré, em referência ao mar; encapelado, agitado, embravecido; o mesmo que *levado*, palavra de que é o alternante sinonímico nas cantigas paralelísticas” (Cunha 1999: 472).

3. *o(s)/a(s)* vs. *lo(s)/la(s)*

Sem dúvida, a questão mais complexa no que se refere à conservação de -L- latino na poesia trovadoresca profana galego-portuguesa manifesta-se no tratamento dos descendentes de ILLUM (artigo e pronome). Mas antes de iniciar este capítulo dedicado à manutenção anómala de -l- nas formas do artigo e pronome *lo(s)/la(s)*, é necessário advertir que nalgumas ocasiões a revisão dos manuscritos e uma interpretação mais criteriosa permite rectificar leituras tradicionalmente assentadas (vid. Brea 1996) que não encontram correspondência na lição original. É o que sucede, por exemplo, na cantiga 313 JLpzUlh [A202/B353], em cujo v. 16 se editou um *catando-la* (Michaëlis 1990: 394), que, sem dúvida, deve ser rectificado conforme a lição dos manuscritos (<catandala> A, <catã / Dala> B):

Por mal de min oj'eu o logar vi
per u ira, se ousasse, ala;
pero m'ela non fez ben, nen fara,
catand'ala direi-vus que fiz i

O mesmo, ou muito similar, acontece na cantiga 396 JGarGlh [A236], com o tradicional *catara-la* do v. 11 (Michaëlis 1990: 459) que encobre uma leitura alternativa bem diferente através de uma segmentação textual mais correcta da lição <catarala> de A:

Par Deus Senhor, viçoso viveria
e en gran ben e en mui gran sabor:
vee-las casas u vi mia senhor
e **catar ala** quant'eu cataria!

Como é sabido, as formas romances iniciais *lo(s)/la(s)* procedentes do demonstrativo latino *ille, illa, illud*, desembocaram, no território galego-português, em *o(s)/a(s)* pelo tratamento da consoante proveniente de -LL- como se fosse uma consoante latina primária a partir dos numerosos contextos em que tal consoante ficava, por fonética sintáctica, em posição intervocálica (Ferreiro 1999: 126 e 254). Isto teve como

consequência a convivência, antiga (e actual no galego oral), das formas evoluídas com a manutenção de formas alomórficas *lo(s)/la(s)* procedentes de contextos em que os descendentes de ILLUM estão precedidos de palavras acabadas em *-r* ou *-s*, onde é sistemática a forma *lo(s)/la(s)* em função substantiva (pronome) e relativamente frequente em função adjectiva (artigo). Por outra parte, a todos os casos de assimilação devem ser acrescentados outros em que os manuscritos mantêm a integridade consonântica da forma assimilada, de modo que numerosas sequências <r-l> e <s-l> das cantigas trovadorescas hão-de ser obrigatoriamente interpretadas como [l]⁶, como demonstra, entre outros muitos exemplos, a variação *mai-lo / mais-lo* no refrão *mai-lo vosso bon parecer*, com a forma gráfica mais conservadora na quarta estrofe da cantiga 905 RoiFdz [904^{bis}/V490], ou numerosos contextos em que algum dos manuscritos apresenta a sequência <r~s-l> face a <-l>: 48 FerPaTam [B75, B1336/V943], v. 14: *poi-la cinta achei* (<pois la> B75, <poyla> B1336, <poyla> V); 83 JSrzSom [A17/B110], v. 21: *Deu-los leix(e)* (<deulos> A, <d's los> B); 174 PGarBu [A84/B188^a], v. 18: *pois-la vi* (<pois la> A, <poila> B); 199 PGarBu [A106/B214-215], v. 33: *Deu-lo* (<deulo> A, <d's lo> B); 254 VaGil [A146/B269], r2: *nega-lo-ei* (<negar lo ei> A, <Negaloey> B); 275 JSrzCoe [A167-168/B319], v. 29: *e pois-la vi* (<pois la> A, <poila> B); 277 JSrzCoe [A170/B321], v. 17: *Deus-la fezo* (<d's la> A, <deula> B); 965 JAI [B963/V550], v. 11: *partir-lo coração* (<partirlo> B, <partilo> V); 1123 PBard [B1120^{bis}/V712], v. 17: *Depois-lo tiv'eu guisado* (<Depoys lo> B, <Depoylo> V); 1297 MartCo [B1280/V886/N3], r. *miraremos-las ondas* (<miraremos las> N, <miraremolas> BV). E, ainda, é também significativa a variação, no tocante á assimilação do artigo, que existe no refrão da cantiga 1207 PMeo [B1191/V796], em que *pois o namorado i ven* da estrofe I se converte em *poi-lo cervo i ven* na estrofe II. Destarte, limitando-nos ao corpus profano trovadoresco⁷, as formas assimiladas do artigo (ou do pronome) são sistemáticas com as preposições *tras*, *des* e *por ~ per*⁸ e

⁶ Consideramos a forma *la* em *qual lá el deseja* (1451 PedroPort [B1432/V1042], v. 6) como variante do advérbio *alá* e não forma pronominal, diferentemente do que acontece na edição crítica do cancionero do Conde de Barcelos (Simões 1991: 90 e 95).

⁷ Uma visão de conjunto das formas *lo(s)/la(s)* do artigo na poesia profana galego-portuguesa, a partir das edições por género mais divulgadas (Nunes 1972; Nunes 1973; Lapa 1970), foi realizada por Hermida (1991), cujos dados estatísticos usamos.

⁸ Cf. também a grafia arcaica na assimilação *polo/pola* em *Esta tenh' eu porla maior / coita do mundo...* (263 VaGil [A155], v. 15) e *porl' amor de Deus* (163 NuFdzTor [A74/B187], v. 19).

quase sistemáticas com o indefinido *todos/as* (95%)⁹. Os dados de uso (quando menos gráfico) da forma assimilada do artigo descem progressivamente para *pois*, advérbio e conjunção causal (77%)¹⁰, *mais*, advérbio e conjunção adversativa (56%)¹¹, com os pronomes pessoais *nós*, *nos*, *vós*, *vos*, *lhes* (83%) e com as formas verbais acabadas em *-s* (40%) e em *-r* (16%)¹². Da mesma maneira, a forma *lo* aparece na única ocorrência que apresenta o artigo com o advérbio interrogativo *u*, procedente do lat. UBI através de uma evolução intermédia **ub'lo* (1508 JGarGuilh [B1488/V1099], v. 24: *U-las provas...?*), o mesmo que no encontro SUPER+ILLUM, que na poesia trovadoresca foi resolvido como *sobre-lo* (1035 JAi [B1031/V621], v. 20; 1096 PAmigo [B1094/V685], v. 24; 1164 JZor [B1151^a-1152^a/V754], vv. 1, 4; 1433 JSrzCoe [V1023], v. 2; 1631 PViv [B1619/V1152], v. 10; 1676 PAmigo [B1664/V1198], v. 12) ou *sobe-lo* (723 GoEaVinh [B708/V309], v. 1), aglutinações modernamente substituídas por *sobre o*. Na realidade, a língua da poesia galego-portuguesa reflecte um comportamento do pronome identificador em qualquer das suas funções muito similar ao detectado nos usos orais do galego moderno, que estende a muitos outros contextos o uso das formas alomórficas, exactamente igual ao que ocorre na poesia medieval, onde também se atestam usos em contextos muito diversos, mesmo surpreendentes, já que *lo(s)/la(s)* também se registam depois de:

⁹ Incluídas, logicamente, as ocorrências com grafia arcaizante <todos-los ...>: 411 PaiGmzCha [A252], v. 4; 537 Den [B520^b/V123], v. 7. O pronome também pode apresentar a mesma grafia: 259 VaGil [A151], v. 11 (*de parecer todas-las vós venceades*).

¹⁰ A grafia <pois-lo/la> regista-se sempre com formas pronominais: 5 [B5/L5], v. 10; 6 AiMoAsm [B6], v. 32; 9 DieMon [B8^{bis}], v. 3; 174 PGarBu [A84/B188^a], v. 18; 275 JSrzCoe [A167-168/B319], v. 29; 409 PaiGmzCha [A250], v. 3; 440 [A275], v. 9; 478 Alf X [B480/V63], v. 46; 483 Alf X [B485/V68], v. 15; 624 PedPort [B608/V210], v. 11; 898 MartMo [A306], v. 31; 1074 BernBon&Abril Perez [B1072/V663], v. 27; 1387 MartSrz [B1369/V977], v. 6; 1441 JServ [V1031], v. 7; 1487 JAi [B1468/V1078], v. 8.

¹¹ Novamente encontramos grafias <mais-lo/la> em 229 JLob [B244 e 246^{bis}], v. 7; 397 JGarGh [A237], v. 10; 804 PaiGmzCha [B808/V392], v. 12; 901 RoiFdz [A309/B901/V486], v. 10; 1417 GonEaVinh [V1007], v. 26; 1583 PGarAm/64,13 [B1573], v. 19. Em 1398 PGarBu [B1380/V988], v. 16, está implicado o adv. *mais* e uma forma pronominal (*se non, sa morte máis-la temeria*).

¹² Alguns contextos com assimilação do artigo apresentam grafia arcaica: 263 VaGil [A155], v. 12 (*veer-la senhor*); 494 Alf X [B496/V79], v. 26 (*bever-los* vinhos); 1478 JBav [B1459/V1069], v. 8 (*pois vir-la saia molhada*); 1476 JBav [B1457/V1067], v. 18 (*sarrar-la porta*). E o mesmo acontece com formas pronominais em 199 PGarBu [A106/B214-215], v. 20; 254 VaGil [A146/B269], r2; 383 AfSchz [B415/V26], v. 13; 890 MartMo [B898/V483], v. 5; 935 RoiFdz [B932/V520], vv. 4 e 10. Porém, algumas vezes, a integridade gráfica pode responder à realidade fonológica, pois a forma verbal aparece em rima: 476 Alf X [B478/V61], vv. 4-5 ..., e *averedes- / -los a perder po-los muito afrontar*; 1476 JBav [B1457/V1067], vv. 3-4: ... *mais d'escarmentar- / -lo avedes*, ...; 1538 GilPrzCo [B1519], vv. 15-16: ... e *defender- / -lo-íades por meu amor*.

- a) substantivos: *Deus* (*Deu-lo(s)/la(s)*), com assimilação generalizada¹³; *donas* em 721 GoEaVinh [B706/V307], r1 (*ai dona-, lo meu amigo*); *braços* em 962 JAi [B960/V547], v. 27 (*e nos braço-la filhar*); *vezes* em 1487 JAi [B1468/V1078], v. 4 (*ca muitas vezes-l' ouv' afaçanhado*); *moscas* em 490 Alf X [B492/V75], v. 16 (*quando as moscas-los veen coitar*);
- b) adjetivos e participios: *melhor* em 185 PGarBu [B199], v. 8 (*ca melho-la fezestes*) e 202 PGarBu [A109/B218], v. 10 (*que a melho-los fez ensandecer*); *cobrados* em 960 JAi [B958/V545], v. 24 (*e seran / cobrado-los meus dias que perdi*); *irados* em 1573 FerSrZQuinh [B1554], r (*irado-los-á el-Rei*);
- c) o pronome demonstrativo *estes* (1607 PGarAm [B1597/V1129], v. 13: *d'estes-la vingue*; v. 20: *e d'este-la vinguel, ca de min non*), os relativos *quaes* (1535 GilPrzCo [B1516], v. 13: *senon quae-las ante tragia?*) e *quantos* (334 PMaf [B372], v. 4: *e quantos-lo ouven dizer*) e o numeral *três* (987 Ppon [B985/V572], v. 19: *en todas tres-las leis*);
- d) os advérbios *alhur* (865 AiNz [B871/V455], v. 4: *Alhur-la buscade*; 1667 Ppon [B1655/V1189], v. 12: *alhu-lo demandade*) e *depois* (331 PMaf [B369], r2: *e vós faredes depoi-lo melhor!*; 1123 PBard [B1120^{bis}/V712], v. 17: *Depoi-lo tiv'eu guisado*);
- e) e a conjunção concessiva *macar* em 650 VaFdZSend [B634/V236], v. 5: *E, maca-lo vós cuidades, eno meu coração vos ei / tan grand'amor...*

Finalmente, ainda se deve considerar o facto de que o cômputo de formas alomórficas poderia aumentar, porque, em bastantes ocasiões, independentemente da fixação gráfica do texto das cantigas realizada pelos diversos editores (que geralmente se inclinam para as formas mais evoluídas), o testemunho de algum dos manuscritos apresenta assimilação; isto parece indicar que talvez fosse possível, pelo menos esporadicamente, a realização da assimilação sempre que o contexto fonético o permitisse. Isto é o que acontece, entre outros, em 139 MartSrZ [A52/B164], v. 2 (*creer a coita B vs. creer-la coita A*), 222 FerGarEsg [A122/B238], v. 14 (*... se fezer / mia senhor o que ten no coração A vs. senho-lo B*) ou 302 RoiPaezRib [A191/B342], v. 2 (*dizer o mui gran ben B vs. dizer-lo mui gran ben A*).

¹³ Incluídos também aqueles casos em que aparece a grafia conservadora <s-l> (*Deus-lo/la*): 87 JSrZSom [A21/B114], v. 8; 478 Alf X [B480/V63], v. 14; 901 RoiFdZ [A309/B901/V486], v. 26. Com *lo/la* a funcionar como pronome também se registam as mesmas grafias: 25 FerRdzCalh [B51], v. 16; 177 PGarBu [A87/B191], v. 3; 277 JSrZCoe [A170/B321], v. 17; 1007 PGmzBarr [V592-593], v. 14; 1123 PBard [B1120^{bis}/V712], v. 4.

Ora bem, para além da conservação de *l-* em contextos fonéticos que permitem a assimilação da consoante com *-r* ou *-s* anteriores, devemos salientar o facto de que na poesia trovadoresca profana aparece com relativa frequência a forma *lo(s)/la(s)*, artigo ou pronome (esporadicamente com a forma contracta *l'* ou *'l*, vid. *infra* as cantigas 903, 969, 1281, 1304), em contextos intervocálicos, pelo qual a sua conservação deverá ser explicada doutro modo¹⁴.

As ocorrências que localizamos (sempre em cantigas de amigo) do uso “anómalo” do artigo *lo(s)*, *la(s)* são as seguintes:

587 Den [B570, V173], vv. 3 (e 9), 7 (e 13):

Amad'e meu amigo,
valha Deus,
 vede **la** frol do pinho
e guisade d'andar.

Amig'e meu amado,
valha Deus,
 vede **la** frol do ramo
e guisade d'andar.

609 Den [B592, V195], vv. 2, 7:

M[i]a madre velida,
 vou-m'a **la** bailia
do amor.

Mia madre loada,
 vou-m'a **la** bailada
do amor.

704 JSrzCoe [B689, V291], vv. 2, 5, 7:

Fui eu, madre, lavar meus cabelos
 a **la** fonte e paguei-m'eu d'elos
e de mí, louçana.

Fui eu, madre, lavar mias garcetas
 a **la** fonte e paguei-m'eu d'elas
e de mí, [louçana].

A **la** font[e] e paguei-m'eu d'eles,
 alo achei, madr', o senhor d'eles
e de mí, [louçana].

¹⁴ Não consideramos, obviamente, o uso petrificado de *la* na expressão adverbial *a la (minha) fe*.

735 EstCoe [B720, V321], vv. 1, 4:

Sedia **la** fremosa seu sirgo torcendo,
sa voz manselinha fremoso dizendo
cantigas d'amigo.

Sedia **la** fremosa seu sirgo lavrando,
sa voz manselinha fremoso cantando
cantigas [d'amigo].

781 AfSchz [B784, V368], vv. 1, 5:

Dizia **la** fremosinha:
“*Ai Deus, val!*
Com'estou d'amor ferida,
ai Deus, val!”.

Dizia **la** ben-talhada:
“*Ai Deus, val!*
Com'estou d'amor coitada,
ai Deus, val!”.

825 PEaSol [B828, V414], v. 1¹⁵:

Dizia **la** ben-talhada:
“Agor'a viss'eu penada
ond'eu amor ei!”.

864 AiNz [B868-69-70, V454], v. 31:

Pela ribeira do rio
cantando ia **la** virgo
d'amor

891 PEaSol [A281], vv. 1, 4:

Eu sei **la** dona velida
que a torto foi ferida,
[c]a non ama.

Eu sei **la** dona loada
que a torto foi malhada,
ca non ama.

892 PEaSol [A284], v. 5:

Vou-m'eu a **la** corte morar:
por vós, u for, ei a penar
d'amor, ...

903 RoiFdz [B903, V488], vv. 1, 2, 7, 13, 14 e r1:

Quand'eu vejo **las** ondas
e **las** muit'altas ribas,
logo mi veen ondas

¹⁵ Note-se como em posição inicial de verso a forma do artigo é a geral no v. 4: *A ben talhada dizia*.

al cor pola velida.
Maldito sea 'I mare
que mi faz tanto male!

Nunca ve[j]o **las** ondas
 nen as altas debrocas
 que mi non venhan ondas
 al cor pola fremosa.
Maldito sea 'I mare
[que mi faz tanto male!]

Se eu vejo **las** ondas
 e vejo **las** costeiras,
 logo mi veen ondas
 al cor pola ben-feita.
Maldito sea 'I mare
[que mi faz tanto male!]

969 JAi [B967, V554], vv. 6, 9:

Pelo souto de Crexente
 ùa pastor vi andar
 muit'alongada de gente,
 alçando voz a cantar,
 apertando-se na saia,
 quando saía **la** raia
 do sol nas ribas do Sar.

E as aves que voavan
 quando saía **l'**alvor,
 todas d'amores cantavan
 pelos ramos d'arredor

1130 NuPor [B1127, V719], vv. 1, 4:

Irei a **lo** mar vee-lo meu amigo:
 pregunta-lo-ei se querra viver migo,
e vou-m'eu namorada.

Irei a **lo** mar vee-lo meu amado:
 pregunta-lo-ei se fara meu mandado,
e vou-[m'eu namorada].

1166 JZor [B1154, V756], vv. 1, 5:

–Cabelos, **los** meus cabelos,
 el-rei me enviou por elos.

.....
 –Garcetas, **las** mias garcetas,
 el-rei m'envio[u] por elas.

- 1167 JZor [B1155, V757], vv. 2, 7:
 Pela ribeira do rio
 cantando ia **la** dona virgo
d'amor:

 Pela ribeira do alto
 cantando ia **la** dona d'algo
d'amor: ...
- 1169 JZor [B1157, V759], vv. 1, 5:
 Jus'a **lo** mar e o rio
eu, namorada, irei
 u el-rei arma navio:
amores, convosco m'irei.
- Juso a **lo** mar e o alto
eu, namorada, irei
 u el-rei arma o barco:
amores, convosco m'irei.
- 1201 PMeo [B1185, V790], r2:
 Por mui fremosa, que sanhuda estou
 a meu amigo, que me demandou
que o foss'eu veer
*a **la** font'u os cervos van beber!*
- 1206 PMeo [B1190, V795], v. 9:
 Irei, mia madre, a **la** fonte
 u van os cervos do monte
- 1281 Lour [B1265, V870], v. 13:
 ca est' é l'ome que máis demandava
 e non ar quis que comigo falasse
- 1294 MartGi [B1277, V883]: vv. 2 (e 7), 5 (e 10):
 A do mui bon parecer
 mandou **lo** adufe tanger:
louçana, d'amores moir'eu.
- A do mui bon semelhar
 mandou **lo** adufe sonar:
louçana, d'amores moir'eu.
- 1297 MartCo [B1280, V886, N3], vv. 2 (e 7), 5 (e 10):
 Mia irmana fremosa, treides comigo
 a **la** igreja de Vigo, u é o mar salido,
e miraremos-las ondas.

Mia irmana fremosa, treides de grado
a **la** igreja de Vigo, u é o mar levado,
e miraremos-las ondas.

1299 MartCo [B1828, V888, N5], vv. 2 (e 10), 5 (e 7):

Quantas sabedes amar amigo
treides comig' a **lo** mar de Vigo,
e banhar-nos-emos nas ondas.

Quantas sabedes amar amado
treides-vos mig' a **lo** mar levado,
e banhar-nos-emos n[as] o[ndas].

1304 FerLago [B1288, V893], v. 11:

Ja jurei noutro dia, quando m'ende parti,
que non foss' a **la** ermida se ante non foss'i,
irmana, [o meu amigo].

1314 FerEsq [B1298, V802], vv. 8 (e 13), 11 (e 16), 14, 17 e r¹⁶.

Vaiamos, irmana, vaiamos dormir
nas ribas do lago, u eu andar vi
a **las** aves meu amigo.

.....
En nas ribas do lago, u eu andar vi,
seu arco na mano a [**la**]s aves ferir,
a **las** aves meu amigo.

En nas ribas do lago, u eu vi andar,
seu arco na mano a **las** aves tirar,
a **las** aves meu [amigo].

Seu arco na mano a [**la**]s aves ferir,
e **las** que cantavan leixa-las guarir,
a **las** aves meu [amigo].

Seu arco na mano a **las** aves tirar,
e **las** que cantavan non nas quer matar,
a **las** aves m[eu amigo].

Também se atestam as mesmas formas *lo(s)/la(s)* com uso pronominal:

586 Den [B569, V172], r3:

e vai lavar camisas
eno alto:
vai-las lavar alva.

¹⁶ <as aves> nos vv. 8 e 13 talvez seja lapso de cópia ou intento de modernização linguística dos apógrafos italianos.

646 FerRdzCalh [B631, V232], r2:
ala me tornarei
*e i **lo** atenderei.*

647 FerRdzCalh [B632, V233], r2:
*se me **los** ei,*
ca mi-os busquei,
outros me lhe dei

660 NuFdzTor [B645, V246], vv. 8 (e 13), 11 (e 16):
 As barcas [e]no mar
 e foi-**las** [a]guardar,
e mo[iro-me d'amor].

As barcas eno ler
 e foi-**las** atender,
e mo[iro-me d'amor].

1205 PMeo [B1189, V794], v. 13, 14 (e 18), 16, 17 (e 21):
 Des que **los** lavei,
 d'ouro **los** liei,
meu amigo.

Des que **las** lavara,
 d'ouro **las** liara,
meu amigo.

1236 PEaSol [A283, B1220, V825], vv. 3 (e 9) e r:
 A que vi ontr'as amenas,
 Deus, como parece ben!
 E mirei-**la** das arenas,
 des i penado me ten:
*eu das arenas **la** mirei*
e des enton sempre penei.

A todos estes registos ainda devemos acrescentar as contracções *al* (< a + lo), por motivos métricos, que também se localizam em algumas cantigas, sem considerarmos, obviamente, a contracção *al* produto do encontro entre a preposição *a* e a forma especial do artigo *el* de *el-Rei*:

736 EstCoe [B721, V322], r1 e 2:
*e[u] **al** rio me vou banhar[e],*
***al** mare.*

903 RoiFdz [B903, V488], vv. 4, 10, 16:

Quand'eu vejo las ondas
e las muit'altas ribas,
logo mi veen ondas
al cor pola velida.

.....
Nunca ve[j]o las ondas
nen as altas debrocas
que mi non venhan ondas
al cor pola fremosa.

.....
Se eu vejo las ondas
e vejo las costeiras,
logo mi veen ondas
al cor pola ben-feita.

1202 PMeo [B1186, V791], v. 5:

E, se el vai ferido, irá morrer **al** mar;
'ssi fara meu amigo se eu d'el non pensar.

E, finalmente, a forma arcaica do artigo ainda aparece na aglutinação com a preposição descendente de SŪB (SUB-ILLUM > *sob'lo > so-lo) nas cantigas de amigo, face ao sistemático resultado *so ~ su o(s)* nos outros géneros trovadorescos, o qual resulta mais uma vez significativo¹⁷: 659 NuFdzTor [B644/V245], r (*e pousarei so-lo avelanal*); 864 AiNz [B868-869-870/V454], v. 6 (*So-lo ramo verd'e frofido*); v. 24 (*E pousarei so-lo avelanal!*); 922 PGvzPor [B920/V507], vv. 2, 7 (*perdi-o so-lo verde pino*); vv. 5, 10 (*perdio so-lo verde ramo*); 1161 JZor [B1148^a/V751], r2 (*de so-lo ramo folgar*).

Para além destas atestações no género da cantiga de amigo, somente se regista uma forma *la* em *no meio de la rua*, (provável erro por *no meio da rua*, como indica a métrica) de Airas Nunes (876 AiNz [B885/V468], v. 16), e a contracção *al* do refrão (*non ven al maio*) da conhecida cantiga satírica de Afonso X (494 [B496, V79]), provavelmente utilizado por motivos estilísticos, talvez a perspectiva “mais adequada para focar o refrão” (Rodriguez 1983: 10).

Deste modo, absolutamente todas as ocorrências da forma arcaica do artigo (e pronome) em posição intervocálica, tal como ocorre com *salido*, se registam em cantigas de

¹⁷ O resultado geral atesta-se sempre em cantigas de escárnio: 371 MenRdzTen&JuBols [B403^{bis}/V14], v. 26 (*...pois so os couces for*); 1385 MartSrz [B1367/V975], v. 20 (*ca vo-lo iran so o manto cortar*); 1388 MartSrz [B1370/V978], v. 9 (*E porque vos lhi talharon atanto / so o giron ...*); 1575 FerSrzQuinh [B1556], v. 9 (*non s' alevant' ergo su o bardon*); 1665 Ppon [B1653/V1187], v. 13 (*ũa Peixota su o leito jaz*).

amigo¹⁸, precisamente o género que apresenta, face às cantigas de amor e às cantigas de escárnio e maldizer, diversas vozes com -N- intervocálico latino conservado: *amena*, *arena*, *avelana* (*avelanal*, *avelaneira*, *avelanedo*), *fontana*, *Granada*, *irmana*, *louçana*, *manhana*, *mano*, *sano*, *sonar*, *venia*; mais ainda, porque seis delas (cantigas 586, 704, 864, 1236, 1297 e 1304) apresentam as duas características, isto é, vocábulos com manutenção de -L- e -N- latinos.

Sem dúvida, estes casos anómalos de -l- intervocálico devem ser postos em relação com as anomalias detectadas em certos vocábulos que também conservam o -n- intervocálico, como já expusemos amplamente noutra ocasião, e ambos fenómenos nestas cantigas de amigo formam parte dos *colores retorici*, porque “os trovadores tiñan conciencia clara das variantes diatópicas e dos estratos cronolóxicos da lingua, e que os utilizaban como e cando desexaban ou precisaban” (Ferreiro 2008: 94). Neste sentido, a aparição e consciente utilização de formas com estas consoantes já desaparecidas antes do nascimento da poesia trovadoresca galego-portuguesa deve ser considerado como *ornatus* retórico e posta em relação com a utilização doutras formas arcaicas, como *sedia* (cf. o normal *siia*), *eno* (face ao geral *no*), etc., formas especialmente utilizadas no género mais representativo e autóctone da poesia trovadoresca galego-portuguesa, a cantiga de amigo.

¹⁸ A cantiga 903, ainda que classificada como cantiga de amor, tem estrutura e construção formal de cantiga de amigo. As cantigas 864 e 969 são pastorelas fortemente influenciadas pelas cantigas de amigo. Por outra parte, lembre-se que nas cantigas pertencentes aos outros géneros (amor, escárnio) não se atesta nenhum caso anómalo de -n- latino conservado (*Graada*, *irmãa*, *louçãa*, *manhãa*, *mão*, etc.).

Bibliografia citada

- Cancioneiro da Ajuda*. Edição Fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1994.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cód. 10991, Lisboa, Biblioteca Nacional / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (Cod. 4803)*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos / Instituto de Alta Cultura, 1973.
- CIPM = *Corpus Informatizado do Português Medieval*: <http://cipm.fesh.unl.pt/>
- CP = Davies, Mark & Michael Ferreira (2006-), *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*: <http://www.corpusdoportugues.org>
- Cunha, C. Ferreira da (1999): *Cancioneiros dos Trovadores do Mar*. Ed. preparada por E. Gonçalves, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Ferreira, M. P. (1986): *O Som de Martin Codax*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Ferreiro, M. (1999 [1995]): *Gramática Histórica Galega*. I. *Fonética e Morfosintaxe*, Santiago de Compostela, Edicións Laiovento.
- Ferreiro, M. (2008): Edición e historia da lingua: Sobre a representación da nasalidade no trobadorismo profano galego-portugués e as formas *irmana* e afíns, em M. Ferreira / C. P. Martínez Pereiro / L. Tato Fontañá (eds.): *A edición da Poesía Trovadoresca en Galiza: 77-96*, A Coruña, Baía Edicións.
- Hermida, C. (1991): O alomorfo *lo* do artigo nas cantigas medievais, *Cadernos de Lingua*, 4: 71-85.
- Lapa, M. Rodrigues (1970): *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*, Vigo, Galaxia, 1970.
- Mettmann, W. (ed.) (1972): Alfonso X, el Sabio, *Cantigas de Santa Maria*. Vol. IV: *Glossário*, Coimbra, Universidade.
- Mettmann, W. (ed.) (1986-1989): Alfonso X, el Sabio, *Cantigas de Santa María*, Madrid, Castalia (3 vols).
- Michaëlis de Vasconcelos, C. (ed.) (1990 [1904]): *Cancioneiro da Ajuda*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Montero Santalla, J. M. (2000): *As Rimas da Poesía Trovadoresca Galego-Portuguesa: Catálogo e Análise*, Universidade da Coruña (Tese de Doutoramento, inédita).
- Nunes, J. J. (1972 [1932]): *Cantigas de Amor dos Trovadores Galego-Portugueses*, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro.
- Nunes, J. J. (1973 [1928]): *Cantigas de Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro.
- Rodriguez, J. L. (1983): Castelhanismos no galego-português de Afonso X, *Boletim de Filologia*, XXVIII: 7-19.
- Simões, M. (1991): *Il canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos*. Edizione critica, con introduzione, note e glossario, L'Aquila, Japadre Editore.
- Tavani, G. (1967): *Repertorio metrico della lirica galego-portoghese*, Roma, Edizioni dell'Ateneo.
- TMILG = Varela Barreiro, X. (dir.): *Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega*, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega: <http://ilg.usc.es/tmilg>
- Vatteroni, S. (1988): Appunti sul testo delle due *cantigas* de Caldeyron, *Studi Mediolatini e Volgari*, XXXIV: 155-181.
- Williams, E. B. (1975): *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguêsa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.